



ANAIS

**X Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

IX Colóquio Nacional Cultura e Poder

**VIII Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

V Simpósio Regional da ABHR/Sul

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2023

GT - Migrações e Religiões

MIGRAÇÕES E RELIGIOSIDADE EM CONTEXTOS MARGINAIS: NOTAS DE PESQUISA SOBRE O FENÔMENO RELIGIOSO EM LONDRINA (1930-1950)

Elisabete Fabiana da Paz Santos (FTSA/UEL)¹;
Nícolás de Souza Pires (UEL)²;
Wander de Lara Proença (UEL/FTSA)³

O texto dessa comunicação é parte do projeto de pesquisa O fenômeno religioso em Londrina: história e historiografia (1930-1950), em andamento, vinculado à Universidade Estadual de Londrina. Tem como objetivo dar visibilidade às religiosidades ocorridas em contextos marginais, a partir da presença migratória formadora de Londrina: vivências de religiosidades não previstas na idealização da região pelos moldes do cristianismo católico ou protestante, assim como o exercício do trabalho que fugia à noção apontada por Max Weber ao analisar capitalismo associado à religião. A diversidade de grupos migrantes formadores da região contribuiu para que a “cidade-jardim” fosse assim invadida por “ervas daninhas”, com práticas desviantes, encantadas e mágicas, florescidas ao lado do ouro verde cafeeiro. Como metodologia, a catalogação de textos memorialistas, obras acadêmicas, oralidades e vestígios materiais, para uso como fontes de pesquisa, a partir do método indiciário, de Carlo Ginzburg. Em termos teóricos, o emprego conceitual de campo religioso, de Pierre Bourdieu. Como resultados prévios obtidos sobre o período em estudo, constatam-se: indícios de práticas de curandeirismo; venda de remédios milagrosos nas ruas; benzimentos; oferta de serviços de magia para solução de problemas amorosos, familiares ou no trabalho; predição do futuro por videntes e ciganos; devoção a santos nas casas de prostituição; devoção ao Monge João Maria; causos circulantes sobre lobisomens e fantasmagorias; conflitos com segmentos religiosos hegemônicos no campo, dentre outros. Novos resultados sobre o passado regional são esperados por outros indícios que a pesquisa ainda em andamento revelará.

Palavras-Chaves: Migração. Religiosidade. Londrina. Marginalidade.

INTRODUÇÃO

O conteúdo apresentado, a seguir, é parte de um projeto de pesquisa, ainda em andamento, desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina, denominado O fenômeno religioso em Londrina: história e historiografia (1930-1950), tendo como objetivo dar visibilidade às religiosidades ocorridas no contexto de formação de Londrina. Uma das abordagens tem recorte analisar o surgimento e as práticas de religiosidades ocorridas nas margens, ou seja, vividas fora do âmbito institucional reconhecido e, portanto, expressas pela

¹ Graduada e mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana. Aluna especial do programa de doutorado em Serviço Social. Participante do Projeto de Pesquisa O Fenômeno Religioso em Londrina: história e historiografia (1930-1950). E-mail de contato: elisabete.fabiana@hotmail.com

² Graduado em História pela Universidade Estadual de Londrina. Participante do Projeto de Pesquisa O Fenômeno Religioso em Londrina: história e historiografia (1930-1950). E-mail de contato: nicolas.souza.pires@uel.br

³ Doutor em História. Docente do Departamento de História UEL e docente da Faculdade Teológica Sul Americana. Coordenador Projeto de Pesquisa O Fenômeno Religioso em Londrina: história e historiografia (1930-1950). E-mail de contato: wander@ftsa.edu.br

heterodoxia, na liminaridade, não estando, portanto, previstas, no projeto que foi idealizado para a região.

Como referência teórica para análise, as contribuições de Pierre Bourdieu (2005), particularmente no uso que faz do conceito de campo religioso. Essa noção conceitual ajuda a investigar os espaços configurados pelos diferentes grupos, as regras de operosidade, as tensões e disputas pelo controle das regras e bens simbólicos produzidos no interior do referido campo.

Um dos aspectos constitutivos do campo historiográfico, é o de ser um lugar em que os agentes “produzem, reproduzem ou difundem” bens simbólicos, na condição de especialistas ou não. Na obra *A economia das trocas simbólicas* (2005), ao tratar da *gênese e estrutura do campo religioso*, esse autor sublinha que não se pode criar uma dicotomia que separa produtores de bens religiosos entre *especialistas e consumidores leigos*, como se estes últimos fossem destituídos da capacidade de produzir o que dá sentido à sua existência. Não há, pois, uma produção de bens simbólicos *ex-niilo* pelos especialistas, existindo sim, da parte destes, uma apropriação ou mesmo expropriação dos frutos do trabalho dos agentes leigos, para devolvê-los como um bem revestido de novas valorações, para atender a novas demandas. Ou seja, as práticas que se desenvolveram no contexto de Londrina, à margem do campo religioso estabelecido com o capital simbólico consagrado pela produção e distribuição de agentes especializados, como sacerdotes ou profetas, só puderam assim se constituir pela existência de elementos em circulação. Assim, esses bens simbólicos produzidos atendem a uma demanda a uma expectativa, nisto resultando o seu êxito. Em sua obra *A Produção da Crença*, Bourdieu oferece ainda outros elementos para se compreender que a criação, circulação e consagração de bens simbólicos, apontando que o lugar de todos os atos de consagração não é outro senão o próprio campo, lugar de capital simbólico socialmente acumulado, tendo como suporte de apoio a crença ou o reconhecimento.

Bourdieu, na releitura que apresenta às tipologias dos agentes que atuam no campo religioso, apontadas por Max Weber, identifica: o sacerdote – como representante da religião oficial, hegemônica, com funcionamento lícito e institucional; o profeta – como figura que rompe com a estrutura sacerdotal e apregoa revelações pessoais divinamente concedidas, passando a ter seguidores que consagram seu carisma, vendo-o como portador de uma mensagem nova e guia para superação de crises; e, por fim – o mago ou feiticeiro – que atua de forma autônoma como um prestador de serviços de socorro imediato, particularmente para soluções de problemas pessoais em questões de saúde, de premências pessoais ou familiares, ou como um tipo de guru, promovendo desse modo práticas que concorrem com funções do

sacerdote ou do profeta, vistos como agentes legítimos para atuação no campo; ou seja, o mago realiza suas práticas nas margens do sistema religioso. Para o artigo aqui proposto, é exatamente essa representação liminar, expressa por vezes na magia, que interessa mais diretamente como objeto de análise.

Para fazer essa aproximação das crenças e religiosidades das margens, em termos metodológicos, é também fundamental o diálogo com outra referência conceitual: o historiador italiano, Carlo Ginzburg. Seus trabalhos se concentram no estudo das crenças e práticas consideradas heterodoxas, isto é, que fogem às normas do dogma estabelecido, particularmente do cristianismo, presentes na cultura popular, na cultura oral, nos comportamentos religiosos e nos hábitos dos “marginalizados” da História.

Ginzburg se notabilizou no campo historiográfico especialmente a partir de sua obra *O Queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Nesta abordagem, o autor investiga as práticas de um camponês trabalhador em moinhos, nas regiões de Friuli, na Itália, no advento do mundo moderno, que elaborou cosmogonias e desenvolveu práticas religiosas que hibridizavam ou sincretizavam elementos da fé cristã com crenças e mentalidades fincadas na longa duração histórica. Com elaboração bastante original, Ginzburg consagrou o emprego de conceitos ou procedimentos investigativos fundamentais no estudo das religiosidades, como por exemplo: do *método indiciário*, que estabelece a busca por indícios, vestígios, pistas ou sinais deixados por indivíduos ou grupos, que costumam elaborar suas práticas por vezes na clandestinidade, sob o olhar vigilante e punitivo de quem controla as regras do campo religioso; de *circularidade*, significando que as crenças transitam entre o erudito e o popular, sem respeitar fronteiras ou clivagens sociais, por meio de um processo de apropriação e ressignificação recriativos.

Em relação ao trabalho com fontes, a partir do método indiciário, ao analisar processos inquisitoriais e Arquivos da Cúria Arquiepiscopal de Udine, na Itália, Ginzburg se debruça sobre depoimentos catalogados nos inquéritos da Inquisição, seguindo em sua investigação a estratégia do detetive, à procura de indícios, de pistas, buscando ver além das primeiras evidências, ou seja, daquilo que é catalogado pelo olhar da Inquisição. Busca valorizar na análise a fala dos acusados, e não a interpretação dos inquisidores, sabendo que estes filtraram a seu modo as manifestações mais originárias do que ouviram antes de registrar. Busca perceber o específico, as variações, as atitudes individuais. Propõe entender os cultos de feitiçaria, os sabás, sem os clichês propostos pela Inquisição. Procura chegar aos cultos agrários, de fertilidade, de longa duração histórica, de alcance geográfico amplo; busca entender o que

foge ao enquadramento dos demonólogos.

Outra obra de referência, de Ginzburg, intitula-se *Os andarilhos do Bem*, também chamados de *Bennandanti*. São camponeses no sul da Itália, que acreditavam lutar contra as bruxas para garantir boas colheitas, saindo por isso à noite pelas plantações, em êxtase, na condição onírica, armados com ramos de erva-doce, lutando contra bruxas e feiticeiros, para impedir a má colheita, a infertilidade e pestes dos animais, curar as vítimas de seus encantamentos; afirmavam participar de misteriosos encontros noturnos, cavalgando lebres, gatos e outros animais. Ginzburg, desse modo, busca compreender a visão deles próprios.

No amálgama de crenças defendidas pelos *Bennandanti*, coexistem dois núcleos fundamentais: um núcleo agrário (mais antigo) e um culto cristão, além de um certo número de elementos assimiláveis à feitiçaria (GINZBURG, 1988, p.47). Já, na visão da religião estabelecida e com legitimidade de funcionamento, representada pelos inquisidores, eram considerados como praticantes de feitiçaria, razão pela qual demonstram perplexidade, ao dizer: “diante desses *Bennandanti*, por tantos aspectos semelhantes a verdadeiros feiticeiros e que, contra os feiticeiros, se apresentam com defensores da fé cristã”. (GINZBURG, 1988, p.25).

No item, a seguir, apresenta-se uma caracterização do contexto em que ocorrem práticas liminares ou marginais, no âmbito regional, selecionadas para análise.

CONTEXTO HISTÓRICO DE LONDRINA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS

O desenvolvimento urbano do Norte do Paraná se inicia com o estabelecimento na região da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP). Uma empresa britânica com interesses capitalistas no Brasil, que promoveu um grande loteamento no norte do Estado, vendendo pequenos lotes de terras. Na história da cidade, a CTNP está presente nas mais variadas formas de contar sobre o crescimento de Londrina, assim como nas memórias dos habitantes mais antigos.

A formação de Londrina se inicia na década de 1920, quando o interesse privado demonstra desejo nas terras do Paraná. Nesse sentido, o primeiro objetivo seria lotear a área adquirida do Estado e vender aos colonos, assim repartindo em pequenos lotes (ARIAS NETO, 2008). Surge a ideia de crescimento e evolução da área não urbanizada no Paraná. Este assunto, inclusive, mais tarde, nas pesquisas das décadas de 1980 e 1990, seria analisado de forma crítica, devido ao desmatamento que a urbanização causou a partir do empreendimento imobiliário, como também o silenciamento dos povos indígenas que habitavam a região antes desse processo (JOFFILY, 1985).

Certamente, ao longo das décadas de 1930 e 1940 a CTNP alcançou um poder de domínio na cidade, que atinge também o poder público. Aliás, público e privado são categorias que naquele momento se misturavam aos objetivos capitalistas. Em um desses períodos o prefeito da cidade Willie Davids também estava associado com a diretoria da CTNP, e, além disso, a empresa mantinha contatos e relações com outros serviços desempenhados na cidade como: ferrovia; transportes; água e luz (ARIAS NETO, 2008). O monopólio exercido pela CTNP em Londrina, promove nas primeiras décadas um comando no qual todas as ações que possam fazer crescer ou desenvolver o município, passasse pelo escritório da Companhia.

A principal estratégia utilizada pelo empreendimento para a venda dos lotes foi a realização de divulgação nos meios de comunicação.⁴ O Paraná Norte, jornal da cidade de Londrina veiculava as manchetes que exaltavam a região informando as vantagens da terra. De acordo com Marinósio Filho e Neto (1991, p.23), o jornal estava junto com a CTNP “Eram nítidas as vinculações financeiras do jornal com a Companhia de Terras Norte do Paraná. O anúncio era estampado na última página, ostentando as vantagens de colonização e do desenvolvimento do Norte do Paraná”. Sem dúvida, são vibrantes as propagandas veiculadas sobre a região, nesse momento a terra era o bem mais precioso e nela as representações mais positivas informando aos possíveis clientes a ausência de saúva, de uma fertilidade divina, e que oferece bons rendimentos.

A partir desse contexto, a CTNP esteve no início e formação de Londrina muito ativa e atuante em muitos âmbitos da sociedade. As pesquisas⁵ revelam que, não obstante essa presença marcante, há muito o que se discutir sobre suas ações, legado e memória. São aspectos de uma empresa que deixou algo para a cidade, porém, muitas questões foram negligenciadas e silenciadas durante os tempos. A sua perda de poder local representa um outro momento de mudanças, quando outras narrativas são colocadas em evidência. Em meados da década de 1940, a CTNP perde espaço no poder regional, sendo vendida e repassada a um grupo de São Paulo, processo este de desarticulação, que abre espaço para outro cenário muito conhecido na história da cidade: agora quem domina as representações e discurso é o café (PIRES, 2022).

A cidade se desenvolveu em um alto nível com o avanço da cafeicultura na região. Na memória dos cidadãos daquele período, o café e o progresso são as palavras que orientam as lembranças sobre a década de 1950. Conhecida como a época em que a cidade cresceu economicamente e verticalmente. Com apenas 25 anos de idade, Londrina já possuía um

⁴ O jornal “Paraná Norte” (primeiro da cidade) estava aliado com a CTNP e auxiliou nessa divulgação.

⁵ A historiografia local apresenta com recorrência a Companhia nas pesquisas, porém a partir da década de 1980 e 1990 os trabalhos analisam de forma crítica a participação da empresa na formação da cidade

aeroporto com intenso movimento no país (BRANCO; MIONI, 1960).

O progresso acelerado na cidade transformou a sociedade e a rotina londrinense. Muitas melhorias arquitetônicas foram realizadas, com o objetivo de romper com o aspecto dos tempos iniciais de uma cidade “ponta de trilhos”. Assim, aquele momento era de modernizar Londrina, transformar aquele aspecto rústico em um centro urbano de requinte. Segundo Rolim (1999), foram realizadas algumas melhorias nas redes de esgoto, na rede elétrica, no abastecimento de água, sem contar as praças e locais públicos que ganharam um toque de modernização. Desse modo, os espaços mudam de acordo com os padrões que significam um avanço urbano em detrimento de aspectos rudes que a cidade ainda dispunha.

Além das melhorias urbanas no quesito espaço público, a economia cresceu devido a alta demanda de pessoas que vieram para a região. Como dito anteriormente, a propaganda disseminada e veiculada pela CTNP fez com que muitos migrantes chegassem a Londrina com intuito de residir e melhorar a sua vida e condição social. No entanto, a região na década de 1930, como salienta Arias Neto (2008) era uma promessa, todo discurso era uma projeção do que viria a ser o Norte do Paraná. Com o alto número de pessoas chegando e transitando, o crescimento da economia local foi marcante principalmente nos bares, restaurantes, pensões e hotéis (BENATTI, 1997). Isso promoveu uma grande circulação econômica na cidade e região.

Sem dúvida, no momento dessa modernização e crescimento, houve importantes construções e revitalizações na cidade. Promovida por grandes nomes da arquitetura como Vila Nova Artigas. Também ocorreu a construção de um teatro, que era o desejo da alta sociedade londrinense, o Cine Teatro Ouro Verde, que ainda hoje é um símbolo da cidade (BENATTI, 1997).

Londrina, era caracterizada por ser uma cidade em movimento. Era construída uma cidade em cima de outra, a velha cidade de madeira e barro cedia espaço para o asfalto, os carros e prédios que se erguiam. O aspecto bruto era o que deveria mudar, a cidade deveria ter novos ares. Assim, o município foi se projetando de um modo que os espaços e a vida social estaria sendo moldada para a burguesia. De acordo com Benatti (1997), essa elite tinha medo da população, exatamente por conta do aspecto de multidão que a cidade apresentava. O medo das massas fez com que se adotassem estratégias moralistas e higienistas para conter o avanço da criminalidade, pobreza e clima de insegurança que havia no período.

Desse modo, as classes populares causavam preocupação na elite da cidade. Segundo Rolim (1999, p.56): “Com isso ia crescendo a percepção de que a cidade, espaço social da diversidade, era portadora de ‘ameaças’ e ‘perigos’ definidos como desestabilizadores e

intoleráveis”. Logo, o objetivo da elite era lutar contra algo que poderia causar desordem e confusão na Londrina moderna, que se projetava como uma cidade progressista e ordeira. Da mesma maneira, pensando no avanço, a cidade não comportou a demanda de grupos e pessoas que vieram para o município. Não cresceu somente a cidade, mas também a sua margem, as periferias se expandem e reforçam as desigualdades e conflitos sociais.

O outro lado do progresso está reservado aos que não conseguiram chegar ao Eldorado como veiculado nas propagandas sobre a região. Para ser mais exato, a região que abriga esses rejeitados é a Vila Matos.⁶ Antes de ser uma região boêmia e de prostituição na cidade, o local que abrigava essas atividades era a rua Rio Grande do Sul. De acordo com Marinósio Filho (2013), foi transferida, pois estava muito próximo da região central, local reservado à elite social.

Os grupos que estavam presentes naquela região eram: prostitutas; jogadores; malandros, dentre outros (LEME, 2018). Era uma localidade criada para centralizar tais grupos e impedir que pudessem invadir o espaço reservado à elite londrinense, nesse caso o centro de Londrina. De fato, a estratégia adotada era controlar e vigiar essa população para não “contaminar” a cidade, assim a polícia era poder repressivo que fazia parte do cotidiano dessas pessoas, com intuito de monitorar e manter os grupos centralizados naquele bairro (ROLIM, 1999).

Embora houvesse o plano de contenção na Vila Matos, ocorria um trânsito importante no fluxo de pessoas que indicam ambiguidades nessa vida social londrinense (BENATTI, 1997). Era comum as pessoas do “centro” se dirigirem à vida boêmia, principalmente os jornalistas que transitavam entre os dois mundos, da elite e marginalia (PIRES, 2022). No entanto, não era aceitável que pessoas da Vila Matos (principalmente as prostitutas) perambulando nas ruas do centro. Era considerado um ataque a cidade de bem e dos bons costumes. Ou seja, como pressuposto no conceito de Ginzburg: há uma circularidade recreativa de elementos culturais, numa via de mão dupla, entre o erudito e o popular, entre o centro e as margens, entre o sagrado e o profano.

Em síntese, as classes sociais estavam em conflito na cidade. Desse modo, a historiografia londrinense sobre a década de 1950 nos revela muitos aspectos da sociedade no período. Além do progresso, crescimento urbano e economia cafeeira, há temas que representam esse momento de mudança principalmente pela migração na cidade. Esse trânsito

⁶ Bairro da cidade que abrigava diversos grupos sociais marginalizados, onde a presença da prostituição era marcante.

e fluxo de pessoas, indicam diversos fatores que provocam conflitos e embates por conta do espaço geográfico e também sobre a questão moral da cidade.

Assim, há um nível crescente da pobreza e com ela grupos assistencialistas para sanar essa preocupação (ROLIM, 1999). A prostituição, também se moderniza de acordo com os tempos. As casas se renovam e novas mulheres chegam na cidade (BENATTI, 1997). São aspectos dos tempos modernos de Londrina que não são exibidos na historiografia tradicional, afinal as margens também se alteram e ganham novos contornos com a modernidade.

Portanto, foram aqui anteriormente apresentados alguns dos temas que fazem parte da história de Londrina nas primeiras décadas. Desde o monopólio da CTNP, passando pelo ciclo econômico do café na região e também os conflitos sociais existentes na cidade entre a elite e grupos marginalizados, lutando por espaço, condição de vida e poder.

No item a seguir, serão discutidos aspectos sobre a religiosidade desses grupos sociais afastados do centro. Muito sabemos sobre elementos da religião católica e sua presença na cidade, no entanto, é necessário apresentar como opera a religião nas margens desse mesmo espaço urbano, por outros meios e formas de compreender a vida fora do dogma cristão.

RELIGIOSIDADES DESVIANTES DA CIDADE-JARDIM

Londrina! Cidade de braços abertos. A todos os filhos do nosso Brasil! E a todos aqueles de pátrias distantes. Que aqui, confiantes. Sob um pálio anil. Seu lar construíram. E aos filhos se uniram. E aos filhos se uniram. Do nosso Brasil! (ALMEIDA & NUZZI, 1958).⁷

Como mencionado no item anterior, o passado de Londrina é narrado destacando-se que seu desenvolvimento ocorreu graças ao processo de colonização planejada e ao investimento na publicidade das terras roxas, sem “saúvas”, praga que assolava os produtores das culturas de algodão e café, pela rápida destruição das plantas, devastando toda a produção. E, de igual, a afirmação de que o sucesso da formação regional é devido aos grandes e pequenos proprietários de terra, originários dos estados de São Paulo, Minas Gerais e do Nordeste, e também do exterior, visto que muitos foram atraídos pelas terras férteis, assim como para fugir dos conflitos nacionais na Europa da época. Enfim, migrantes e imigrantes chegaram em grandes levadas ao norte paranaense (ARIAS NETO, 2008).

Com intuito de progresso, a CTNP apresentou como proposta o modelo de cidades planejadas, com detalhes minuciosos, com espaços funcionais e determinantes:

⁷ Trecho do hino oficial de Londrina.

Este ordenamento objetivava a reprodução do capital inglês e acabou por manter, sob seu controle, todo crescimento e forma da cidade, bem como os mecanismos necessários para a manutenção da ordem proposta”; um sonho inglês de ordem e decência, com planejamento que “(...) supunha um número determinado de habitantes, que era a medida de seu projeto, a medida de seus interesses. (ADUM, 1991, p.14).

De acordo com Benatti (1996), as cidades planejadas não poderiam exceder ao número máximo de vinte cinco mil ou 30 mil habitantes, sendo um modelo contrário das grandes metrópoles, com excesso de habitantes e com todos os conflitos sociais do progresso:

Suprema utopia do capital: nessas cidades artificiais, construídas *ex-nihilo*, não seriam os espaços que se “sujeitariam” aos homens, mas os homens que se sujeitariam a uma ideia de espaço definida a priori. Princípio de funcionalidade: determinados lugares reservados a determinados grupos e indivíduos para determinadas atividades (BENATTI, 1996, p. 23).

Entretanto, o crescimento desordenado levou a cidade a fugir do controle de seus idealizadores, dando origem, por exemplo, às casas de tolerância ou meretrício, as quais surgiram mesmo antes da elevação da cidade de Londrina à condição política de município, em 1934. Como visto com mais detalhes, anteriormente, esses ambientes foram removidos da área mais central pelas autoridades para um espaço mais periférico, sob o olhar cuidadoso da polícia, abaixo da linha férrea, como sugerido no Hino Londrinense: “A todos que a buscam, materna e gentil. Porém, destemida, se os brios lhe ofuscam. Sói ser atrevida, impávida, hostil” (ALMEIDA & NUZZI, 1958).

Nos anos de 1940 e 50, mais uma vez, com a intenção de progresso, a elite londrinense pela disputa de poder e política expurgou os marginalizados da Vila Matos para longe do centro da cidade, sendo distribuídos pelas periferias do município. Como prática de limpeza social e desenvolvimento, na década de 1980, construiu-se no lugar um edifício de estrutura moderna, complexa, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer. E em 1988, sobre os escombros dos marginalizados, o Terminal Rodoviário de Londrina foi erguido. Por coincidência da modernidade, a construção brilhante e moderna se tornou porta de entrada para os desvalidos que procuram o sonho da “Nova Canaã” (BENATTI, 1996, p. 25).

Como visto, Londrina foi idealizada para ser um exemplo de desenvolvimento e ordem, sob o dogma da religião oficial, o catolicismo. Entretanto, ocorre o que é expresso por Edson Holtz Leme (2018), em seu livro “Noites Ilícitas”, ao mostrar uma outra perspectiva da “cidade-jardim”. Com uma população em crescente aumento, nas transformações de seus hábitos e na perda de ponto de referência que garantiam a tranquilidade social, as chamadas

“ervas daninhas”, foram se estabelecendo pela porta dos fundos da cidade: as prostitutas, que eram “corteadas durante a noite e perseguidas e discriminadas durante o dia” (LEME, 2018). A igreja, por sua vez, fosse ela católica ou protestante, somou argumentos no sentido dessas mulheres não poderem transitar durante o dia na cidade e nem ter uma vida social normal como as outras mulheres da sociedade londrinense. No caso do catolicismo, para maior controle e disciplina dos corpos e mentes, investiu-se na educação a partir do colégio Mãe de Deus e cursos preparatórios, visando preparar as futuras esposas.

Sendo impedidas de praticar sua fé, essas mulheres mesmo em um contexto avaliado pela sociedade como marginal, não deixaram de expressar suas práticas religiosas dentro dos prostíbulos e casas de tolerância. Naqueles locais, muitas tinham o costume de fazer simpatia ou acender velas para seus respectivos santos de devoção (LEME, 2018).

Entre outras práticas desviantes, em circulação pelas ruas cidade, havia de curanderismo, venda de remédios milagrosos e também as benzedeadas, as quais eram bastante requisitadas, tanto pelo significado da fé quanto pela falta de recursos para se ter acesso ao médico. Diversos serviços religiosos eram assim ofertados: a água benta e ramos de arruda, para machucados e quebras; o uso da chamada costura, como uma espécie de magia, em que um pequeno pedaço de pano é costurado pela benzedeadas, utilizando-se uma agulha com fio branco, enquanto se pergunta: “O que é eu eu coso?”. E o enfermo responde, indicando a parte do corpo que precisa de cura; finaliza-se o benzimento em nome de Deus e dos santos católicos, após se repetir por três vezes o ritual (RUBERT, 2014).

Uma outra prática bastante popular, porém fora do controle do catolicismo oficial, constatada já no início do século XX na região, um pouco antes de Londrina nascer, e que segue até os dias de hoje, é a devoção ao monge João Maria. Considerado uma figura mística, ao mesmo tempo que um ícone da Guerra civil camponesa nos territórios de Santa Catarina e do Paraná, na Guerra do Contestado. Homem pacato que exercia as funções de padre, sem que o fosse, pois havia poucos para o atendimento a população; realizava missas, batizados, casamentos, além de praticar medicina popular, com o uso de ervas e benzimentos, sem a aprovação ou autorização do clero (FLORENTINO, 2021).

Na devoção popular, acredita-se que o monge João Maria teria passado por diversas regiões do Paraná, como: os municípios de Faxinal, Ventania, Farol, Campo Mourão, Ivaiporã, São Jerônimo da Serra, Telêmaco Borba e Marilândia do Sul – esta localizada na região macro de Londrina, com aproximadamente 70 km de distância. Neste local, ainda hoje há um igrejinha,

fincada no meio de uma mata nativa, localizada no bairro rural do Barro Preto, em propriedade particular, tendo ao fundo uma mina d'água. Nesta capela, há vários pertences dos devotos que ali afirmam ter obtido graça para o que buscavam, como: muletas, sandálias, fotos de santos, rojões estourados, entre outros artefatos. A evidência material da presença do monge é contada de forma mística: em todos os lugares onde ele passava a noite, ao partir no dia seguinte, ali nascia uma fonte de água. Assim se mantém até aos dias atuais registros de grutas, minas d'água e capelas em homenagem ao monge, nas regiões por onde passou. Recentemente, inclusive, ficou evidente mais uma afirmação na crença de que nessa passagem pelo território que hoje compreende Londrina e o norte do Paraná, João Maria teria estado também no distrito de Lerroville, do município de Londrina, onde se localizou uma mina d'água, com efeitos milagrosos, com devoções mantidas por camponeses já por décadas. Portanto, até os dias atuais, essa fé foi transmitida entre as gerações, configurada na crença em seus milagres e feitos, perpetuados na memória dos devotos.

E, como um último exemplo do que ocorre nas margens religiosas ou nas manifestações populares da crença: a difusão de causos que narram o sobrenatural, o fantasmórico, o assombroso. Juliana Belasqui (2019), em pesquisa de mestrado em História, apresenta um conjunto dessas narrativas que povoam o imaginário. Busca compreender as representações do sobrenatural presentes nos causos circulantes em Londrina: narrativas contadas no cotidiano, que reúnem episódios ou elementos vistos como sobrenaturais e fantásticos. São exemplos: relatos sobre o lobisomem do Jardim Paulista; a noiva assombrada da Chácara São Gabriel; o grito das freiras; aparições de assombração na estrada próxima ao Cemitério da Warta; fatos misteriosos acontecidos no sítio Biolange. Fantasmas, aparições, assombrações, são elementos ligados diretamente à crença, que ocorrem no imaginário a partir de apropriações sincréticas ou hibridizadas por devoções populares a partir de ensinamentos da religião oficial. Exemplo disso, é que muitos destes relatos estão situados no período da Quaresma, que pertence ao calendário cristão católico.

Portanto, como contraponto à religião oficial, que não reconhece seus feitos ou legitimidade, uma parcela da sociedade, desviante do dogma, busca reproduzir sua própria identidade, por vezes como marginalizados em uma sociedade que espurga e não acolhe a quem não se adéqua às normas propostas pelo sistema hegemônico.

CONCLUSÃO

Em balanço historiográfico sobre a produção historiográfica norte paranaense, a historiadora Sonia Adum (2008) aponta características e perspectivas que em dado momento representaram ruptura com a visão hegemônica e linear, prevalente nas primeiras décadas, sobre o passado da região, que focava no “discurso de felicidade”, omitindo ou silenciando aspectos que pudessem gerar incômodo ou questionamento a este ideário.

Neste sentido, o texto aqui exposto, contribui para “uma narrativa paralela” ou “caracterizada como marginal”, que “emerge já nos anos 1950”, apresentando como contrapartida ao “discurso de felicidade”, a constatação da presença de grupos marginalizados - como jogadores, prostitutas, cáftens, ladrões, desocupados: “Tais abordagens propiciaram a presença, no cenário dessa história, de outros personagens que, já bem cedo, fizeram sua estreia, desnudando o outro lado da ‘civilização’”. (ADUM, 2008, p.21).

A partir do final dos anos 1980, novas abordagens historiográficas produzidas na academia representam “uma virada”, quando “campos novos passaram a ser explorados”. Estas produções, pela exploração de territórios do conhecimento até então ignorados e silenciados, provocaram significativas mudanças nas práticas teórico-metodológicas até então vigentes, marcando um revisionismo da historiografia estabelecida no campo. As formas de crença ou religiosidade das margens, como aqui exposto, colocam-se também como objeto destes novos olhares sobre o passado da região.

Dos resultados prévios obtidos sobre o período em estudo, aqui abordados, constata-se que a diversidade de grupos migrantes formadores da região contribuiu para que a “cidade-jardim” fosse assim invadida por “ervas daninhas”, com práticas desviantes, encantadas e mágicas, florescidas ao lado do ouro verde cafeeiro. O campo religioso londrinense criou espaços para práticas de curandeirismo, venda de remédios milagrosos nas ruas, benzimentos, oferta de serviços de magia para solução de problemas amorosos, familiares ou no trabalho, predição do futuro por videntes e ciganos, devoção a santos nas casas de prostituição, devoção ao Monge João Maria, causos circulantes sobre lobisomens e fantasmas, conflitos com segmentos religiosos hegemônicos no campo, dentre outros.

Novos resultados são esperados por outros indícios desse passado regional que a pesquisa ainda em andamento revelará.

REFERÊNCIAS

ADUM, Sonia Maria. S. Lopes. **Imagens do Progresso: Civilização e barbárie em Londrina (1930-1960)**. 1991. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus de Assis, Assis (SP), 1991.

ADUM, Sonia Maria S. Lopes. Historiografia norte paranaense: alguns apontamentos. In: ALEGRO, Regina Célia et al. (Orgs.). **Temas e questões para o ensino de história do Paraná**. Londrina: Eduel, 2008. p. 2-20.

ALMEIDA, Francisco Pereira Jr.; NUZZI, Andrea. **Hino a Londrina**. Londrina (PR), 1958. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/hinos-de-cidades/125158/>. Acesso: 15 de nov. 2023.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**. Representações da política em Londrina (1930-1975). 2ª. ed. Londrina (PR): Eduel, 2008.

ARRUDA, Gilmar; PROENÇA, Wander de Lara. A historiografia do Paraná e o espaço simbólico da universidade: os historiadores, seus lugares e suas regiões (1970-2012). **Revista de História Regional**, v.18, p.240-263, 2013. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr> Acesso em; set. 2020.

BENATTI, Antônio Paulo. **O centro e as margens: Boemia e prostituição na “capital mundial do café” (Londrina: 1930-1970)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba (PR), 1996.

BENATTI, Antonio Paulo. **O centro e as margens: prostituição e vida boêmia em Londrina (1930-1960)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

BELASQUI, Juliana Souza. **Entre lobisomens e fantasmas: análise de causos circulantes de Londrina (2015-2018)**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Londrina, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**. Contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

BRANCO, Gustavo; MIONI, F. **Londrina no seu Jubileu de prata: Documentário histórico**. Londrina: Realizações Brasileiras, 1960.

FERREIRA, Antônio Celso; SIMON, Cristiano Gustavo Biazzo. Tensões da Modernidade em Londrina: A ferrovia e a nave. **História: Questões & Debates, Curitiba**, v.9, n.17, dez. 1988, p.334-359.

FLORENTINO, Bruno. **Religiosidade popular na cidade de Marilândia do Sul-PR: a Capela do Monge João Maria**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História) - Universidade Estadual de Londrina, 2021.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-

179.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos de bem:** feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia da Letras, 1988.

JOFFILY, José. **Londres – Londrina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LEME, Edson Holtz. **Noites Ilícitas.** Londrina: Eduel, 2018.

MASCHIO, Edison. **Escândalos da Província.** 2º ed. Londrina: Kan, 2011.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXEIRA, Faustino. (Org.). **Sociologia da religião.** Enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2003.

PIRES, Nícolas de Souza. **Uma literatura marginal na modernidade londrinense:** o caso de “Escândalos da Província” (1959). Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, 2022.

ROLIM, Rivail Carvalho. **O policiamento e a ordem:** Histórias da polícia em Londrina 1948-1962. Londrina: Ed. UEL, 1999.

RUBERT, Gabriela Cristina Maceda. **A construção do sagrado:** benzedeadas e práticas religiosas em Cambé/Paraná. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Londrina – Uel 2014.

SOUZA, Éder Cristiano de. **Os excluídos de Londrina:** As classes populares e as transformações no espaço urbano de Londrina. 1944 – 1969. 2008. 220f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008.

TRIGUEIROS FILHO, Marinósio; TRIGUEIROS NETO, Marinósio. **História da Imprensa de Londrina:** Do baú do jornalista. Londrina: UEL, 1991.

TRIGUEIROS FILHO, Marinósio. **Dos porões da delegacia de polícia.** Londrina: Kan, 2013.

* * * * *